


Please cite the Published Version

Ponte, Cristina and Cardoso, Daniel  (2013) Em casa e no quarto: modelos de uso da internet por crianças e jovens (9-16 anos). In: Nascidos Digitais: Novas Linguagens, Lazer e Dependências. Coisas de Ler, pp. 253-267. ISBN 978-989-8659-09-5

Publisher: Coisas de Ler

Version: Accepted Version

Downloaded from: <https://e-space.mmu.ac.uk/624124/>

Usage rights:  In Copyright

Enquiries:

If you have questions about this document, contact openresearch@mmu.ac.uk. Please include the URL of the record in e-space. If you believe that your, or a third party's rights have been compromised through this document please see our Take Down policy (available from <https://www.mmu.ac.uk/library/using-the-library/policies-and-guidelines>)

Em casa e no quarto: modos de uso da internet por crianças e jovens (9-16 anos)

Cristina Ponte, CIMJ, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

Daniel Cardoso, CIMJ, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Considerações iniciais

Por via de incentivos à aquisição de equipamentos e do acesso à internet, nos últimos anos as crianças e jovens entraram em força na posse de portáteis para seu uso pessoal. Em muitos lares, foi delas o primeiro computador e a sua mobilidade fez com que circulasse por todo o lado, dentro e fora de casa. A facilidade de aceder à internet juntou-se a outros ecrãs, do televisor à consola de jogos, numa “cultura do quarto” onde se emaranham, como os cabos eléctricos, as actividades escolares, os jogos, os vídeos, as músicas ou as conversas, num rasgar de oportunidades desconhecidas na geração anterior e não dissociadas de risco.

Na caracterização destes ambientes que marcam o acesso e o uso da internet, este capítulo apresenta resultados nacionais retirados do inquérito europeu EU Kids Onlineⁱ, realizado em 25 países (cerca de mil inquiridos por país), que incidiu sobre os modos como crianças e jovens tiram partido das oportunidades da internet e como lidam com situações de risco¹. Onde acedem e por que meios acedem? Com que frequência o fazem? Que actividades realizam e de que competências dispõem para lidar com situações de risco? O que distingue o uso do computador e o acesso à internet no quarto ou fora dele? E o que caracteriza um “uso excessivo” da internet?

¹ Para mais informação sobre este inquérito europeu realizado pelo Projecto EU Kids Online (financiado pela Comissão Europeia) e os seus resultados ver www.eukidsonline.net ou o site da equipa portuguesa, em <http://fsh.unl.pt/eukidsonline>. O Relatório final pode ser descarregado electronicamente.

Objectivos da aprendizagem:

No final deste capítulo o leitor deverá ser capaz de:

- Situar os resultados nacionais sobre os locais de acesso à internet no contexto europeu e destacar as principais diferenças.
- Situar os resultados nacionais sobre os meios de acesso à internet no contexto europeu e destacar as principais diferenças.
- Identificar diferenças no acesso à internet por sexo, idade e meio socioeconómico
- Caracterizar a relação entre os usos da internet e os espaços onde se acede em casa
- Compreender o que se entende por “cultura de quarto” e como ela se encaixa na evolução da infância
- Discutir os significados de “uso excessivo” da internet

Locais e meios de acesso à internet em casa

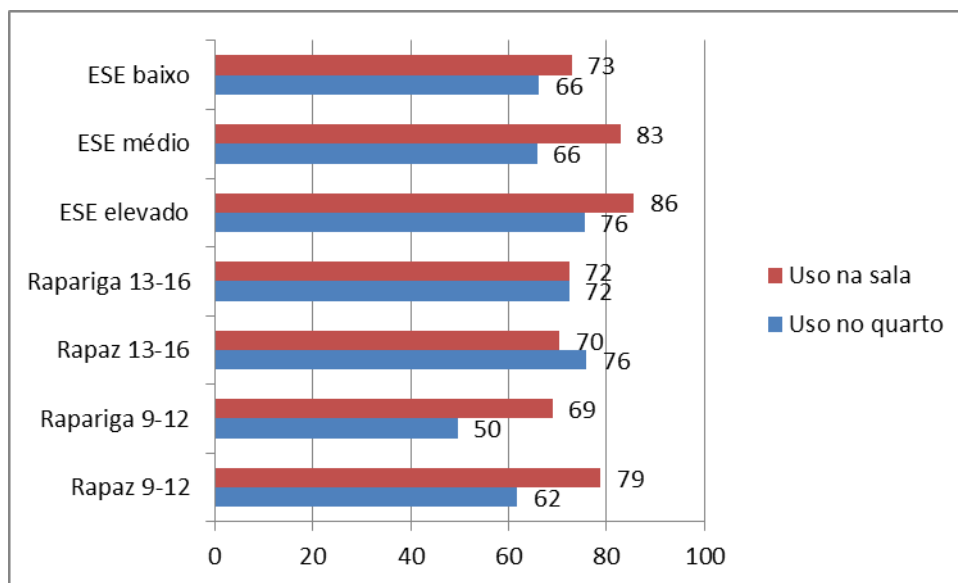
Tendo como base o nível de escolaridade e a ocupação/profissão dos pais, das mil crianças e jovens inquiridos em Portugal, mais de metade pertencia a agregados de estatuto socioeconómico baixo (53% dos respondentes), para cerca de um terço de agregados de estatuto médio e 15% de estatuto elevado. Estes valores, bastante diferentes da média europeia (respectivamente 19, 42 e 34%) devem ser tidos em conta quando caracterizamos os resultados nacionais.

As respostas de crianças e jovens utilizadores da internet mostram que a esmagadora maioria (85%) acede em casa, que 60% acede num espaço comum e que cerca de metade pode aceder também do seu próprio quarto (49%), para 37% que não o pode fazer. Portugal é um dos países europeus onde mais crianças e jovens declaram aceder à internet nos seus quartos (67%), enquanto apenas 25% declara não o poder fazer.

Considerando a situação socioeconómica do agregado, e o sexo e idade, o Gráfico 1 compara os dois locais de acesso em casa, os espaços comuns e o quarto, ressaltando as

suas variações. Crianças e jovens de agregados com menos recursos acedem menos nos espaços comuns da casa, a sugerir lares menos bem equipados com infra-estruturas de acesso, enquanto o acesso no quarto ocorre mais nos agregados com mais recursos. A idade e o sexo marcam também diferenças: crianças mais novas, sobretudo do sexo feminino, têm menor acesso ao computador no quarto.

Gráfico 1: Acesso à internet na sala e no quarto, por nível socioeconómico, idade e sexo



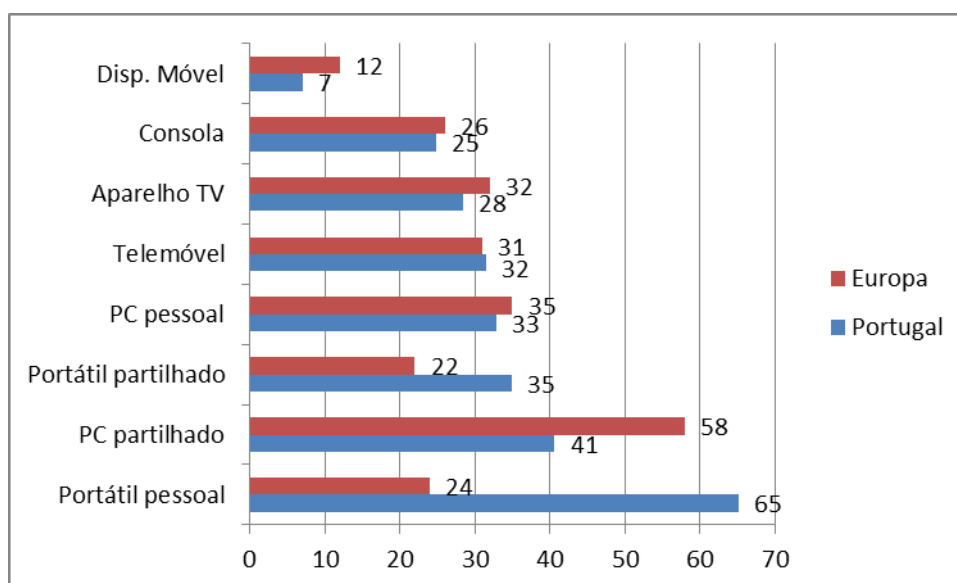
Neste cartão, diz-me por favor em quais destes locais costumás utilizar a internet?

(Base: Todas as crianças que usam a internet)

Fonte: Inquérito EU Kids Online, resultados nacionais

São hoje muito mais os meios de acesso à internet do que os existentes há poucos anos, permitindo uma mobilidade, uma flexibilidade e uma combinação muito maior. O Gráfico 2 mostra a distribuição dos meios pelos quais as crianças e jovens acedem à internet no país e a média europeia, num confronto tecnológico que contrasta o predomínio de PC partilhados, na média europeia (55%) com a liderança dos portáteis de acesso pessoal (65%) e partilhado (35%) no país, não existindo diferenças tão grandes nos restantes meios de acesso, secundários tanto no contexto nacional como no europeu.

Gráfico 2: Meios tecnológicos usados para aceder à internet em Portugal e na Europa



Que equipamentos usas para aceder à internet actualmente?
(Base: Todas as crianças que usam a internet)
Fonte: Inquérito EU Kids Online, resultados nacionais

Entre as crianças mais novas, o acesso à internet por via do portátil pessoal coincide nos 60-61%, e entre os jovens varia entre 70-72%, com ligeiríssima vantagem para os rapazes.

Temos, portanto, largamente disseminados recursos de ponta e de mobilidade no acesso à internet entre crianças e jovens de diferentes condições sociais, por via das políticas de venda a baixo custo para estudantes e da promoção do seu valor educacional, nos programas *E-Escola* e *E-Escolinha*. Esta política suscitou grande adesão por parte dos pais, nomeadamente entre agregados com menos recursos socioeconómicos e menor escolaridade, a desejarem proporcionar aos seus filhos os recursos de que eles próprios não dispuseram nas suas infâncias – e em muitas famílias estes terão sido os primeiros computadores a entrar em casa.

De facto, são crianças e jovens destes agregados as que têm mais portáteis pessoais (67%, para 64% nos agregados de estatuto socioeconómico médio e 62% nos elevados). Contudo, são também quem refere menos aceder à internet pelo seu computador fixo (PC) ou partilhar computadores (portáteis ou fixos) com outras pessoas da casa, irmãos ou pais: apenas 31% partilham o portátil e 36% partilham o PC, para respectivamente

47 e 49% entre as crianças e jovens de agregados com mais recursos, sugerindo assim que muitas daquelas terão começado a aceder à internet em casa directamente pelos portáteis e que nas suas casas poderão ser as únicas a usar o computador.

São crianças e jovens do sexo masculino quem mais dispõe de telemóvel com acesso à internet e a consola de jogos é também marcada pelo masculino. Os rapazes fazem assim uso de mais meios para aceder à internet, parecendo reforçar a associação entre o masculino e a tecnologia e sugerindo uma maior reserva na aquisição de tecnologias para raparigas, sobretudo mais novas.

Destaca-se, portanto, a posse generalizada de computadores portáteis e um acesso a telemóveis com internet que toca já perto de um terço dos inquiridos.

Frequência do acesso

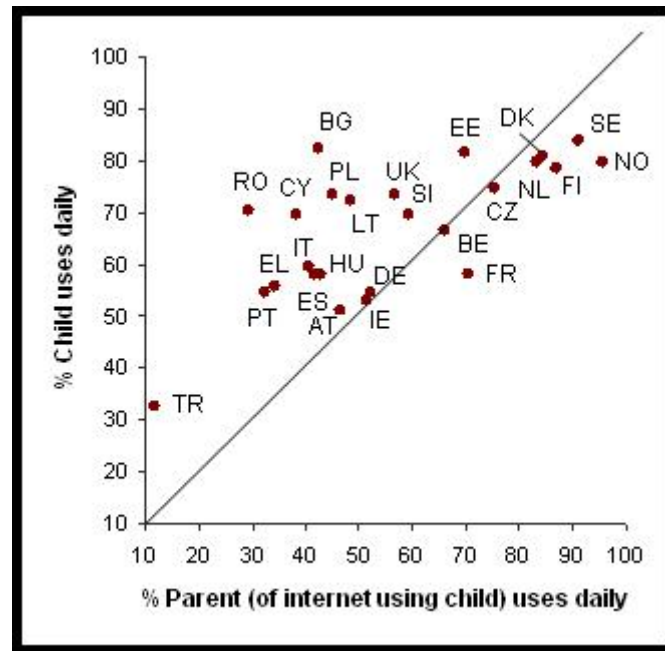
Em 2010, quando este inquérito foi feito, a média europeia apontava que as crianças e jovens tinham começado a usar a internet por volta dos nove anos, sem diferenças por sexo ou por condição social. Os países do norte europeu são os que apresentam um início mais cedo: Suécia (7 anos); Estónia, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Reino Unido (8 anos). No extremo oposto, temos a Grécia (11 anos) e a Itália, Turquia, Roménia, Áustria e Portugal, com a idade do primeiro acesso à internet a situar-se nos 10 anos – em todos estes, a penetração da internet é recente e é liderada pelos mais novos.

Para averiguar até que ponto o acesso se insere no quotidiano das crianças e jovens, foram distinguidos vários níveis de frequência: uso diário ou quase todos os dias; uma ou duas vezes por semana; uma ou duas vezes por mês; mais raramente. Em Portugal, não se verificam grandes diferenças por condições sociais, com os valores situados entre 52% (agregados de condição socioeconómica baixa) e 57% (agregados de condição socioeconómica elevada), a oscilar menos do que a média europeia, respectivamente 49% e 64%. A idade afecta o acesso, sendo mais frequente entre os mais velhos, e o sexo faz também a diferença, sobretudo entre os jovens, onde 74% dos rapazes declara aceder todos os dias ou quase, para pouco mais de metade (55%) das raparigas.

Em termos europeus, a frequência diária da internet, por crianças e jovens e pelos seus pais, está entre as mais baixas, como se pode ver no Gráfico 3. Nessa imagem pode-se

ver que não só as crianças acedem mais à internet do que o progenitor entrevistado (78% e 66%, respectivamente), como a usam com maior frequência². A liderança das crianças no uso diário ocorre noutros países do sul: Grécia (muito perto de Portugal), Espanha e Chipre coincidem, Itália e Turquia.

Gráfico 3: Relação entre o uso diário da internet por crianças e por pais em 25 países europeus



Fonte: Livingstone, Haddon et al. (2011: 38)

Para comparar tempos, espaços e práticas

Pelo exposto acima, é fácil entender que Portugal se encontra numa posição *sui generis* face a outros países dentro da União Europeia com perfis sócio-demográficos semelhantes. Destaca-se aqui a desproporção entre a posse de portáteis pessoais em Portugal e no resto da Europa (Gráfico 2, acima), que introduzem a criança ou jovem como o elemento principal da família, graças a políticas públicas mas também a um avanço do processo de individualização dos jovens (Livingstone, 2002), do seu enquadramento como jovens especialistas tecnológicos, que vê na posse directa do

² Nos agregados socioeconómicos mais baixos, as restrições dos pais acentuam-se: 86% acede a partir de um único local (para 55% nos agregados com condição socioeconómica média e 33% nos de alta) e apenas um terço acede todos os dias (para 57 e 82%, respectivamente).

material informático a melhor forma de capitalizar os potenciais (educativos, na maior parte dos casos) desse mesmo material, ao mesmo tempo que levanta questões sobre os riscos que essa posse poderá trazer. Uma das preocupações mais recentes é a possibilidade de os jovens ficarem *viciados* no uso de computadores e da internet. As notícias sobre centros de reabilitação de viciados em internet (por exemplo, na China³), acompanhados de descrições militaristas que fazem lembrar os velhos tratamentos comportamentalistas – choques eléctricos incluídos até há bem pouco tempo – pretendem dar uma dimensão global ao problema.

Porém, como Sonia Livingsgone aponta (2002: 142), o aumento da importância da categoria “infância” trouxe consigo uma organização economicista da vida dos jovens – o medo do vício é, acima de tudo, o medo da falta de produtividade e da execução de tarefas. É o medo de que o jovem fique perdido a jogar ou a conviver em redes sociais sem atender às suas outras obrigações, secundarizando a importância do jogo e da socialização entre pares face a trabalhos escolares, por exemplo.

Como vimos pelo Gráfico 3, Portugal encontra-se perto do fim da tabela no que toca à frequência de acesso à internet. Este resultado confirma-se olhando para o tempo médio passado na internet, de acordo com o que os jovens reportam: perante uma média europeia de 88 minutos por dia, os jovens portugueses registam 67 minutos. Portanto, apesar da posse – em média – de mais equipamento próprio, mais portáteis (e portanto mais mobilidade potencial) e de políticas públicas dirigidas a apoiar o acesso à internet e a aumentar a sua importância no dia-a-dia, Portugal mantém-se ainda dentro das características de acesso de outros países do sul da Europa.

Esta mobilidade conseguida pela posse de tantos mais portáteis parece ser também uma mobilidade parcial, que opera, principalmente, *dentro* do espaço da casa. Ou seja, o computador portátil vem derrotar o imobilismo do computador de secretária, mas fica ainda fortemente cingido ao espaço da casa. Claro, isto não exclui utilizações noutras contextos (Portugal é o 4º país com mais alto nível de utilização da internet nas bibliotecas escolares, por exemplo), mas mantém-se verdadeiro na medida em que abordamos, aqui, apenas o uso associado à cultura de quarto.

³ http://www.publico.pt/Tecnologia/adolescente-chines-morre-em-centro-de-reabilitacao-para-viciados-em-internet_1394978

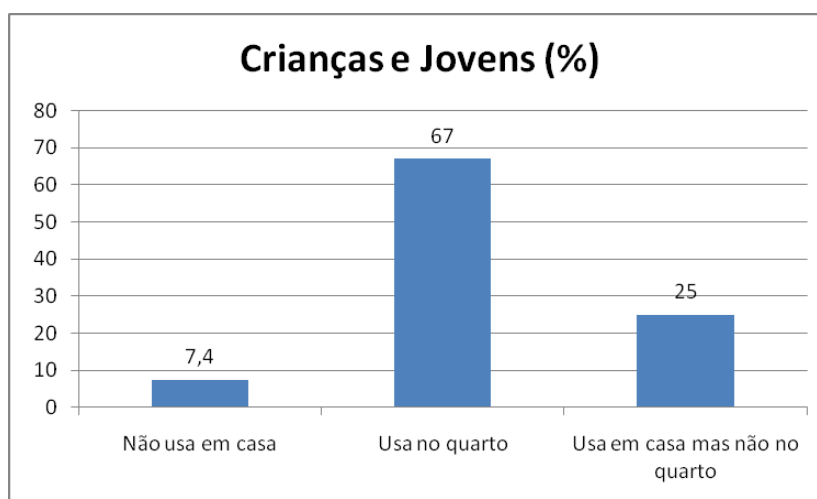
Ora, estas características tecnológicas e de uso vêm, na prática, facilitar e alimentar a chamada “cultura de quarto”, um local “onde os *media* e as identidades se intersectam” (Steele & Brown, cit. em Livingstone, 2002: 155). O que, por sua vez, vem então alimentar o atrás referido medo do vício. E, neste aspecto, Portugal surpreende de facto: está em segundo lugar no que toca à declaração de comportamentos de vício, dentro dos 25 países incluídos no estudo, com 49% dos jovens com 11 ou mais anos a declararem já ter tido comportamentos associados ao uso excessivo da internet de forma bastante ou muito frequente (para uma média europeia de 30%).

Porém, se Portugal tem um dos níveis mais baixos de utilização diária da internet, como é possível que esteja em segundo lugar nos comportamentos de vício? De alguma forma, é necessário compreender o que é que se entende como “dependência” e qual o papel da cultura de quarto na forma como os jovens interagem com os *media*, em Portugal.

A importância do quarto

Como mostra o Gráfico 1, o acesso à internet no espaço do quarto (e aqui entende-se por quarto qualquer divisão onde se possa estar de forma autónoma e privada) é bastante relevante em Portugal. A abordagem agora terá como objectivo comparar crianças e jovens que utilizam os seus computadores e internet no quarto, com os que utilizam dentro de casa, mas que não têm a possibilidade de utilizar esses recursos num espaço privado.

Gráfico 4: Uso da internet nos espaços da casa e fora de casa



Olhando para este cartão, por favor diz-me onde tens usado a internet, ultimamente...

(Base: Todas as crianças que usam a internet)

Fonte: Inquérito EU Kids Online, resultados nacionais

O Gráfico 4 mostra que a utilização exclusiva fora de casa é diminuta (menos de 10%) e que o uso no espaço do quarto domina boa parte da amostra (67%). Há que notar, de resto, que esses 67% não correspondem a crianças e jovens que apenas usam a internet no quarto, mas sim aos que *também* a usam no quarto – do mesmo modo, os 25% que não usam no quarto não implicam um uso exclusivo dentro do espaço da casa, apenas um uso que *exclui* o espaço do quarto. Estes 67% portugueses contrastam com os 49% da média europeia ou, por exemplo, com os 42% de Espanha – mais uma vez, é possível apontar aqui, pelo menos em parte, os efeitos das mais recentes políticas públicas de disseminação das tecnologias de acesso, bem como a diminuição dos custos de acesso à Internet – a OECD coloca Portugal em 8º lugar na lista de países relativa aos custos (absolutos) da ligação de banda larga (dados de Setembro de 2010)⁴.

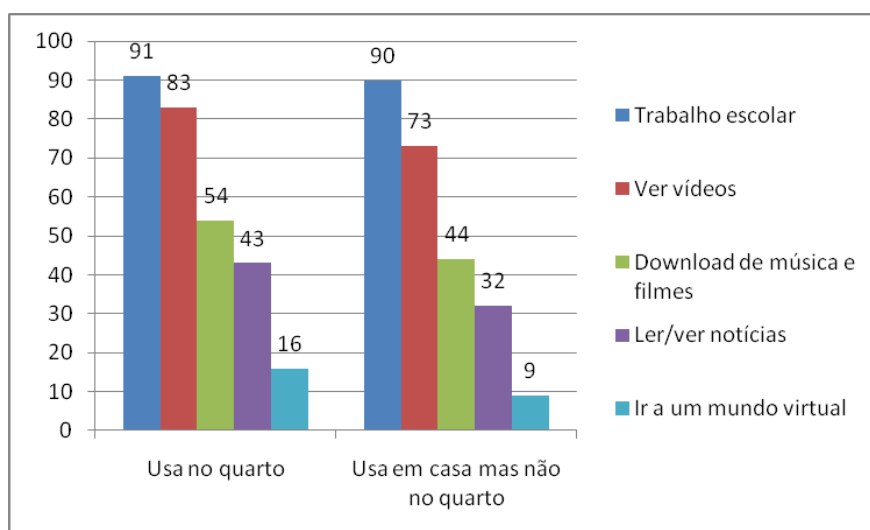
As principais diferenças neste campo não surgem tanto nas comparações entre género como nas comparações entre idade, o que sugere uma confirmação de que a idade é fundamental no que toca à presença ou não de *media* no espaço do quarto (Livingstone, 2002: 40) e que os rapazes são cada vez mais atraídos para o quarto, que costumava ser um local marcadamente mais dirigido à jovem rapariga (*idem*: 157). Assim, enquanto que 59% das crianças de nove e dez anos utilizam a internet no quarto (entre outros

⁴ http://www.oecd.org/document/54/0,3343,en_2649_34225_38690102_1_1_1_1,00.html

sítios), são 79% os jovens que o fazem entre os 15 e 16 anos. Conexamente, a restrição ou impossibilidade de fazer uso da internet decresce dos 32% entre os nove e dez anos para os 16% entre os 15-16 anos. Como seria expectável, são os jovens de agregados de Estatuto Sócio-Económico (E.S.E.) mais elevado que utilizam mais a internet no quarto – ainda assim, a diferença não é tão perceptível quanto já foi: se 76% destes jovens usam no quarto, também 66% dos jovens de E.S.E. baixo o fazem, apenas 10% de diferença separa os dois escalões.

No entanto, o que fazem estes jovens, quando estão na internet, seja dentro seja fora dos seus quartos? Vejamos algumas das suas actividades e hábitos online, na medida em que se relacionam com ideias de senso-comum sobre os possíveis problemas do uso no quarto, como a distração dos deveres mais formais, mencionados acima.

Gráfico 5: Actividades online por espaço de uso (%)



Por favor diz-me se fizeste isto no último mês, na internet.

(Base: Todas as crianças que usam a internet)

Fonte: Inquérito EU Kids Online, resultados nacionais

Verifica-se, de facto, que as crianças e jovens que utilizam a internet no quarto apresentam um maior nível de utilizações ligadas ao entretenimento, mas não se verifica o temido decréscimo da utilização educativa (em sentido restrito) das novas tecnologias. Aquilo a que se assiste, em todas estas perguntas (bem como nas outras actividades que aqui não aparecem), é uma maior diversificação das actividades levadas a cabo pelas

crianças e jovens que usam os novos *media* no quarto, em coisas que vão da consulta de notícias até às visitas a mundos virtuais.

O que permite este leque mais alargado de utilização? O facto mais importante, será, talvez, a quantidade de tempo que uns e outros têm oportunidade de passar na internet. Sessenta por cento dos jovens que não podem utilizar a internet nos seus quartos passam sete ou menos horas por semana online, enquanto que 57% dos jovens que utilizam a internet no quarto passa oito ou mais horas por semana (e 20% mais de 15 horas por semana). Utilizar a internet no quarto parece então estar associado a uma maior capacidade de a utilizar, em termos absolutos.

Esta utilização, como Sonia Livingstone aponta, é profundamente social, identitária e virada para a importância das relações entre pares (*ibidem*: 153; 156; 159). Prova disso é o aumento de práticas que podem ser consideradas de risco (mas também de sociabilidade) quando os jovens estão a utilizar os novos *media* em privacidade. Por exemplo, 46% dos jovens que utilizam a internet no quarto vai à procura de novos amigos (contra 28% dos jovens que não a usam no quarto); 35% adiciona aos chats ou redes sociais pessoas que não conhecia antes (24% dos jovens que não usam a internet no quarto também o fazem); e 13% envia fotos ou vídeos de si a quem não conhecia antes (contra 6% dos jovens que não estão online no quarto). Estas diferenças, embora não sejam excessivamente pronunciadas, mostram que a autonomização relativa garantida pela fronteira da porta do quarto permite algum trabalho de ligação com o desconhecido – mas também uma maior expressão daquilo que, porventura, pode não ter tanto cabimento dentro do espaço familiar, já que 69% dos jovens que usam a internet dentro do quarto sentem que, lá, é mais fácil serem eles mesmos e 40% diz que consegue, lá, falar sobre coisas privadas, proventura a coberto da sensação de anonimato total ou parcial.

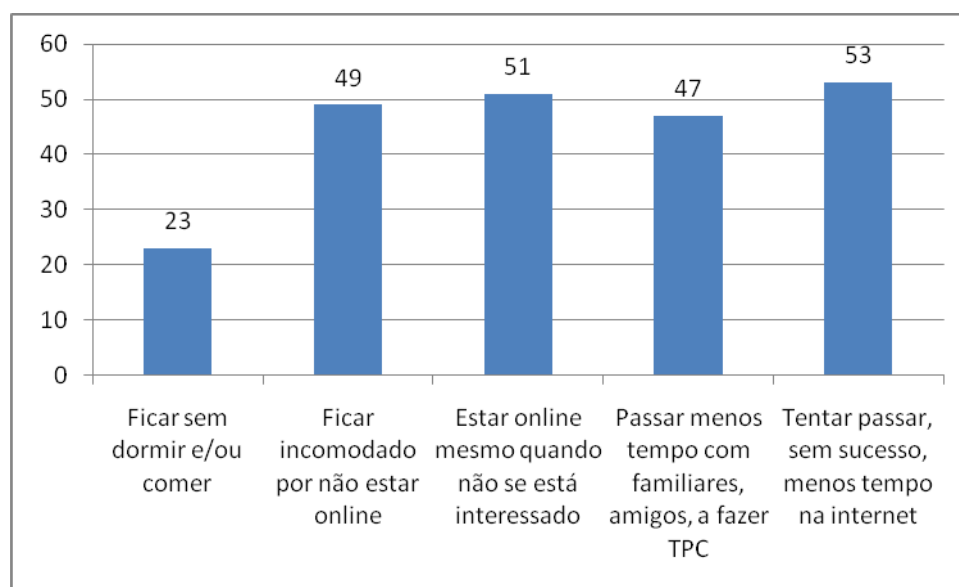
Porém, as diferenças aqui notadas não se traduzem, depois, em dano efectivo – um risco não corresponde sempre a dano. Quando olhamos para o número de casos de crianças e jovens que se sentem incomodados por algo que experienciaram na internet, compreendemos que é preciso agregar *todos os utilizadores* no espaço da casa (dentro e fora do quarto) para chegar aos 27 que declararam já se ter sentido incomodados – um número que não é estatisticamente significativo (corresponde a 2,7% dos inquiridos)

para com segurança podermos extrapolar ao total da população portuguesa, a não ser no facto de que estamos aqui perante uma realidade praticamente residual.

Tempos e vícios

Se o tempo parece ser fundamental para compreender estas diferenças, será que é pelo tempo que explicamos a posição de Portugal no que diz respeito a comportamentos de vício? Não, de todo. A abordagem tomada no questionário envolveu perguntar aos jovens quantas vezes tinham exibido determinados comportamentos: ficar sem dormir e/ou sem comer, um tipo de comportamento mais fisicamente lesivo; sentir-se incomodado por não estar *online*; estar *online* mesmo quando não se está interessado; passar menos tempo com familiares ou amigos, ou a fazer os trabalhos de casa; tentar e não conseguir passar menos tempo na Internet. Consideraram-se como estando dentro da categoria do vício todos aqueles que disseram que qualquer uma destas coisas lhes acontece “bastante” ou “muito frequentemente”. Além disso, há que notar que estas perguntas só foram feitas aos jovens com 11 ou mais anos.

Gráfico 6: Comportamentos de vício (%)



Nos últimos 12 meses, quão frequentemente te aconteceram estas coisas?... (respostas “bastante frequentemente” e “muito frequentemente”)

(Base: Todas as crianças que usam a internet)

Fonte: Inquérito EU Kids Online, resultados nacionais

O Gráfico 6 demonstra que a presença da maior parte dos comportamentos de vício é constante, com exceção feita ao tipo de comportamento que é mais fisicamente lesivo – ficar sem comer ou sem dormir. Ora, 71% dos utilizadores considerados “viciados” utilizam a internet 7 ou mais horas por semana, mas 62% não a usam mais do que entre 7 a 21 horas por semana (o que, no máximo, daria uma utilização média de 3 horas por dia).

E se este lado – do vício – pode parecer negativo, há que ter em atenção o que se considera realmente como vício, de que forma as expectativas sociais sobre o comportamento desejado e sobre a importância de se estar “em família” (algo que, como já vimos, é alvo de grande tensão, na medida em que os adultos tendem a racionalizar todo o tempo dos jovens mas, por outro lado, a exercer uma pressão centrípeta face ao quarto); a este respeito o item sobre o que se considera como ter “passado menos tempo com familiares, amigos e a fazer o TPC” é importante. Mais preocupante, por exemplo, é “estar *online* mesmo quando não se está interessado” – as razões que poderiam ter levado estes jovens a passar menos tempo na internet não foram auscultadas aqui, mas é mais um factor em que as representações sociais dos adultos e do comportamento esperado são importantes.

Do outro lado estão as questões de competências – o grupo dos “viciados” é também o grupo dos jovens com mais competências, e com maior grau de diversidade nas tarefas que executa *online*. Isto está, de resto, a par com o que vimos nos utilizadores de quarto (o que não surpreende, já que são dois grupos que se cruzam largamente). Está também presente a questão do risco: claro que o vício em si pode constituir um risco, mas será que estes utilizadores – “viciados”, mas mais competentes, mais profícuos e diversificados nos seus usos, e também que mais tempo lhes dedicam – estão expostos a mais riscos do que os “não-viciados”? Os dados parecem não suportar esta suposição: 96% dos jovens *adictos* disseram nunca se terem sentido incomodados por algo que se tenha passado *online*, contra 93% dos jovens sem os critérios de “vício”. Mais até: 82% dos jovens ditos “viciados” afirmaram nunca terem sentido emoções negativas associadas a usos negativos da internet, contra apenas 61% dos jovens “não-viciados” – isto sugere um aumento da resiliência face ao aumento do uso, e portanto a aquisição de maiores capacidades para responder às suas práticas específicas.

Bibliografia

Livingstone, S. (2002). *Young People and New Media*. London, Sage.

Livingstone, S., L. Haddon, et al. (2011). *Risks and safety on the internet. The perspective of European children*. Resultados finais, e implicações para políticas, do inquérito EU Kids Online a crianças e jovens dos 9-16 anos e aos seus pais em 25 países europeus. LSE, Londres: EU Kids Online. Disponível para *download* em www.eukidsonline.net

Principais ideias a reter

- Portugal tem um nível médio-baixo de uso frequente das novas tecnologias, por parte de crianças e jovens e dos seus pais.
- As crianças e jovens portuguesas lideram na posse de portáteis individuais, face à Europa.
- A “cultura de quarto” é influenciada pelo contexto social e tecnológico, sendo particularmente expressiva em Portugal.
- O vício não está directamente correlacionado com o tempo de utilização, mas com representações sociais.

Questões e reflexões

1. Que rumos poderá tomar a cultura de quarto em Portugal, com o avanço das actuais tendências?
2. Que respostas de mediação parental poderão surgir que se adaptem a estes paradigmas em mudança?
3. Que factores poderão estar por detrás das elevadas declarações de comportamentos de *vício* e o que explica a diferença perante outros países?

4. Comportamentos de risco nem sempre estão associados a comportamentos de dano, mas parecem estar ligados a maiores oportunidades. Como evitar o dano e incentivar as oportunidades?

ⁱ Para mais informação sobre este inquérito europeu realizado pelo Projecto EU Kids Online e seus resultados ver www.eukidsonline.net ou o sítio da equipa portuguesa, em <http://fsh.unl.pt/eukidsonline>. O Relatório Final sobre este inquérito pode ser descarregado electronicamente.